



**Modalidade do trabalho:** Relato de experiência

**Evento:** XIII Jornada de Extensão

## OS VELHOS TAMBÉM FALAM<sup>1</sup>

**Catia Daiana Weber<sup>2</sup>, Jaqueline Oliveira<sup>3</sup>, Cesar Agostinho Muller de Almeida<sup>4</sup>, Karine These Schneider<sup>5</sup>.**

<sup>1</sup> Pesquisa institucional desenvolvida pelo projeto de estágio básico

<sup>2</sup> Aluno do Curso de Graduação em Psicologia da UNIJUI

<sup>3</sup> Aluno do Curso de Graduação em Psicologia da UNIJUI

<sup>4</sup> aluno do curso de graduação em Psicologia da Unijui

<sup>5</sup> aluno do curso de graduação em Psicologia da Unijui

**Resumo:** Este trabalho é resultado do projeto de estágio básico de Psicologia: “Construções de falas femininas”. O que irá se apresentar é um recorte dentre as inúmeras histórias construídas com mulheres. Centralizamo-nos, nas histórias, falas de pessoas velhas, como antigamente eram denominadas, idosas como atualmente se denomina, do bairro Getulio Vargas situado no município de Ijuí/RS. Essa “escuta” abriu a possibilidade de reconstruir histórias de idosos de 70 a 107 anos, que são exemplos de quem muitas vezes ficam a margem de uma sociedade em que o velho é descartado, pois já não é mais produtivo, bem como são esquecidos pelos próprios familiares que “não tem tempo” para os mesmos. No entanto, no momento em que se deparam com um o outro disposto a lhe “dar ouvidos”, trazem histórias de vida muito ricas em detalhes, e denominadas por eles mesmos como um “romance”, histórias que por vezes estão escondidas no íntimo do pensamento ou até mesmo fixadas no tempo já vivido, é um baú a ser aberto. Este espaço discursivo permite que estes idosos, possam recuperar suas referências simbólicas e sociais e desta forma possam sair dessa alienação e anonimato que o discurso social e científico a que as reduzem.

**Palavras-chave:** Velho; idoso; pobreza; escuta; ressignificação.

### Introdução

Antigamente chamar um indivíduo de “velho” era sinônimo de vida e sabedoria, assim como de um lugar importante de transmissão e de referência para a família e a comunidade. Na atualidade o termo velho vem com uma carga pejorativa. Ao pensá-la, nos vem à memória a perda da vitalidade ou até mesmo inutilidade, “algo a ser descartado”, algo obsoleto. Do “velho sábio” passou-se a significar o velho como inútil, não produtivo, descartável. Ou seja, as palavras que nos identificam e nos dão um lugar social, depende do discurso da época. O discurso contemporâneo encontrou uma forma “politicamente correta” de esconder os antigos velhos nos idosos modernos. Estes últimos não mais transmissores de experiências de vida, mas peças humanas decorativas/inúteis e que precisam cuidados. Se os velhos sábios, não existem mais, como transmissores de vida e de saber, como estes idosos podem ter um lugar de existência, uma vez que estão fora da vida produtiva?





**Modalidade do trabalho:** Relato de experiência

**Evento:** XIII Jornada de Extensão

## Metodologia

Entrevistas semanais com idosos em suas casas, através das quais se estabelece um espaço discursivo, de forma a permitir uma recuperação e reconstrução de suas referências simbólicas e sociais. Valorização do sujeito da palavra em detrimento de somente um corpo que precisa cuidados.

## Resultados e Discussões

O projeto de estágio ao qual estamos incluídos surgiu com o intuito de abrir espaço para escuta de histórias de vida de mulheres depressivas e sem um lugar no social. No entanto, abriu-se um também um espaço em que os idosos possam falar, pois afinal, surgiu uma demanda a qual ficamos implicados a atender, pois o número de idosos com o desejo de falar no bairro é relevante.

Com base, na fundamentação teórica, tendo como autor Alfredo Jerusalinski, podemos analisar a teoria através da prática, que sem perspectivas para o amanhã, ou seja, futuro mínimo, sentem um prazer em falar de seu passado. Com isso nos nosso trabalho é uma forma de criar espaços discursivos que tem como objetivo a ressignificação e resgate da história de vida destes idosos.

Na tradição, a história da vida cotidiana assim como dos sujeitos já vinha traçada na história da família, ou seja, os lugares e os destinos dos mesmos eram pré-determinados e sustentados social e simbolicamente. Com a revolução industrial e o desenvolvimento do capitalismo, a velhice passou a ser sinônimo de decadência, sendo assim deixada de lado, pois o belo, o novo, o produtivo é o imperativo do mundo contemporâneo.

Com esta nova realidade, o espaço de fala e elaboração dos idosos ficou limitado, ou mesmo pode-se dizer que se perdeu. É neste espaço que os estagiários de psicologia se colocam, levando a possibilidade desses idosos se reaverem com a sua história, afinal, como emergir em uma sociedade em que o “novo” prevalece, e a ideia de dependência, doenças, e incapacidade é remetida cada vez que a palavra “velho” é pronunciada.

A morte é algo que por diversas vezes se apresenta como algo atemorizante, ela traz certa angústia, no entanto, ela é a única certeza da vida. É válido ressaltar que não foi esta a realidade encontrada com os idosos alguns centenários, eles demonstram uma “maturidade” em relação à morte. Observa-se que os mesmos mostram uma satisfação por já terem vivido “tanto” e por encararem a ideia de morte com naturalidade e se sustentam pelo discurso religioso, ou seja, acreditam que a “vida eterna” é muito melhor que este mundo.

É interessante pensar que a morte para estas pessoas faz parte do percurso da vida, como uma experiência a ser “vislumbrada no horizonte” é como se estivesse incluída no projeto de vida. A morte se mostra como algo de “necessidade” do sujeito, pois a vida parece não ter sentido sem a morte, devido a dores físicas, as limitações e até mesmo eles sentem-se como um “incomodo” aos familiares, pois ser “velho” como eles se auto intitulam para os mesmos implica atenção e ser cuidado por terceiros, bem como os gastos com remédios na maioria dos casos.

Alfredo Jerusalinsky, em seu texto Psicologia do Envelhecimento traz a questão da “queixa” na velhice. Ela está constantemente no seu discurso, no entanto, na queixa não se tem um sujeito, pois apenas o corpo se mostra. Na escuta desses idosos a mesma não ocupa um lugar de protagonista em sua



**Modalidade do trabalho:** Relato de experiência

**Evento:** XIII Jornada de Extensão

fala, mas sim de coadjuvante, pois para eles o futuro não se coloca, o que os sustenta é o passado, o sujeito fala de sua história e não do seu corpo. A fala se tornou uma das poucas coisas que não dependem do auxílio do outro, bem como a idade não a “restringe”. Na medida em que transmitem sua história acontece o exercício da pulsão parcial, bem como é um momento de reapropriação de suas experiências.

A velhice é um momento de análise da vida de retrospectiva, de lembrar à infância, as coisas boas vividas, as tristezas e principalmente de lembrar os trabalhos na roça e do prazer de falar da realização das tarefas em um tempo em que a saúde não estava debilitada. As histórias de vida relatadas por estes idosos do bairro Getúlio Vargas por diversas vezes se cruzavam, pois é válido ressaltar que viveram em um tempo em que a família, o trabalho manual e o discurso religioso eram bases fundamentais e estruturantes do sujeito.

Jerusalinsky traz a questão do futuro mínimo como um dos sete traumas elaborados por ele, que vem ilustrar a realidade destes idosos. Na infância a criança vive a todo instante projetando-se para o futuro, pois tem a ilusão de que ser adulto permitirá ser independente do Outro, por isso a criança brinca de ser gente grande pela necessidade que tem de “transformar-se” em adulto. Já o adolescente oscila entre o infantil e o adulto, ou seja, entre a brincadeira e o coito, pois está em um momento de definição de posições. O adulto revive suas marcações fantasmáticas.

Por isso enquanto a criança se lamenta pelo que ainda não pode fazer, e o adolescente pelo que “não o deixam fazer”, o adulto se queixa pelo que não fizeram com ele ou pelo que não fez. Futuro, tempo paradoxal, e passado, que orientam respectivamente a temporalidade do discurso em cada frase. (Alfredo Jerusalinsky, 1996, p. 6)

Na velhice a realidade é outra, pois não se tem mais expectativas para o futuro. As principais significações de não conseguir resolver no hoje, são projetadas para o amanhã, ou seja, o fantasma fundamental está no futuro. Como a questão biológica se impõe neste momento, mostrando que o futuro é incerto eles se ligam as crianças, pois é através delas que a continuidade simbólica irá se dar. Por esse motivo que vemos no discurso desses idosos do bairro Getúlio a alegria em falar dos netos e bisnetos, bem como a paixão deles pelos mesmos. Através dessa ligação se faz um rompimento do limite, é como o passado se o presente se encontrassem e presentifica-se o idoso com o futuro. A presença da criança provoca uma quebra da morte, ela traz a vida, o desejo; as crianças trazem à tona a possibilidade de realização de desejos dos avós, bem como a vitalidade, este é um dos motivos pelo qual eles mimam as crianças e sentem prazer em falar de um futuro que para eles é incerto e se veem impossibilitados de falar. Os netos, bisnetos proporcionam uma perspectiva de futuro, mesmo eles sabendo que o futuro não é deles.

Apesar da vida sofrida, com sérias dificuldades financeiras e vulneráveis socialmente, podemos notar que estes velhos estão à margem do discurso capitalista. Para essas pessoas o dinheiro e o adquirir ficam em segundo plano, pois viveram em uma época em que o pouco que tinham era suficiente para serem felizes, pois o ordenador simbólico de sua época era “a terra como economia de subsistência”, diferente de hoje que o que ordenada é o mercado financeiro, o capital. É interessante observar que a televisão que atualmente é um bem de consumo indispensável que por vezes reúne a família em torno dela, passa despercebida em suas vidas e esquivada. Talvez esse seja o motivo do desinteresse dos



**Modalidade do trabalho:** Relato de experiência

**Evento:** XIII Jornada de Extensão

moradores do bairro com os mesmos, afinal o que conversar com estes idosos que são improdutivos, desconhecem as tecnologias, as tendências atuais, bem como as músicas contemporâneas?

“É flagrante, no mundo atual, o desrespeito ao idoso concernente à sua fala, à sua marcha – sempre lenta – sempre em descompasso com um mundo que gira ao redor de outro imperativo: tempo é dinheiro”. (Ângela Alucida, 2006, p. 82). Apesar de todas as dificuldades de viver “tanto tempo” e o estar “velho”. Esses idosos carregam uma sabedoria, e um discurso que dificilmente é ouvido na nossa sociedade atual, são poucos os que escutam estes “sábios”. Eles são “frutos” de um tempo em que os dias eram vividos no presente com o que o mesmo oferecia, o futuro pertencia a Deus. A escuta da história desse Senhor e Senhoras trazem consigo a possibilidade de simbolizar algumas situações, já que o Real (a morte) os invade, tirando-os a possibilidade de sonhar com um futuro. Como disse Marie-Ebner- Eschenbach: “Na juventude aprendemos, com a idade compreendemos”. Por fim, os velhos também falam e tem muitas coisas a falar, suas experiências de vida, sua infância, juventude e também como pensam a vida. Ser velho, não é defeito, é uma conquista um privilegio, é uma “dádiva divina” como eles dizem. Como diz a poesia Ser velho, de Ana Blandina:

Há sempre uma luz  
 Ao fundo do túnel  
 Há sempre vida  
 Enquanto o coração bate  
 Ser velho  
 É ter o brilho do tempo  
 É ter a verdade nos olhos  
 As mãos enrugadas  
 Da infância perdida  
 O saber desfrutar  
 De cada dia  
 Como se fosse o último.

### Conclusões

Percebemos então, que os idosos/velhos têm um conhecimento, um saber, no entanto, este não é reconhecido socialmente e às vezes mesmo na própria família. Mas, apesar da “ociosidade” da aposentadoria, eles podem ser produtivos, não no sentido de gerar lucros, mas fazer uma construção em benefício do contexto social. Eles são o elo da história de cada família, o “saber” que quando não transmitido na sua forma de história, de versão de vida, aparece como repetição e sintoma nas gerações seguintes.

Quando se abre a possibilidade da fala desses “velhos”, algo novo se insere: a possibilidade de olhar para sua história de outra maneira e compreender situações que até então passavam despercebidas, ou até mesmo traumáticas. Desta forma o que eles podem falar pode fazer também história nos filhos, e nos netos, permitindo uma rede familiar apoiada em referenciais simbólicos, evitando a repetição daquilo que não se fala os sintomas e sofrimentos.





**Modalidade do trabalho:** Relato de experiência

**Evento:** XIII Jornada de Extensão

## Bibliografia

ALUCIDA, Ângela. O sujeito não envelhece: Psicanálise e Velhice. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2006. P.80-94.

JERUSALINSKY, Alfredo. Psicologia do Envelhecimento. In: Correio da APPOA, n.42, dez/1996.

SAFRA, Gilberto. Maturidade e Envelhecimento. São Paulo: Edições Sobornost. 2006.

Idoso. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Idoso>>. Acesso em: 10 jul. 2012.

Blandina, Ana. Ser velho. Disponível em: <<http://multiolhares-poesiadaspiramides.blogspot.com.br/2007/09/ser-velho.html>>. Acesso em: 10 jul. 2012.

# SALÃO DO CONHECIMENTO

XX Seminário de Iniciação Científica II Mostra de Iniciação Científica Júnior  
XVII Jornada de Pesquisa II Seminário de Inovação e Tecnologia  
XIII Jornada de Extensão

2012



**Modalidade do trabalho:** Relato de experiência

**Evento:** XIII Jornada de Extensão



**UNIJUI**  
UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL  
CATARINENSE

Para uma vida de CONQUISTAS



**Modalidade do trabalho:** Relato de experiência

**Evento:** XIII Jornada de Extensão

Maria Aires, 107 anos

# SALÃO DO CONHECIMENTO

XX Seminário de Iniciação Científica  
XVII Jornada de Pesquisa  
XIII Jornada de Extensão

II Mostra de Iniciação Científica Júnior  
II Seminário de Inovação e Tecnologia

2012



**Modalidade do trabalho:** Relato de experiência

**Evento:** XIII Jornada de Extensão



**UNIJUI**  
UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL  
CATARINENSE

Para uma vida de CONQUISTAS



**Modalidade do trabalho:** Relato de experiência

**Evento:** XIII Jornada de Extensão

Olívia, 83 anos

# SALÃO DO CONHECIMENTO 2012

XX Seminário de Iniciação Científica    II Mostra de Iniciação Científica Júnior  
XVII Jornada de Pesquisa                    II Seminário de Inovação e Tecnologia  
XIII Jornada de Extensão



**Modalidade do trabalho:** Relato de experiência

**Evento:** XIII Jornada de Extensão



**Modalidade do trabalho:** Relato de experiência

**Evento:** XIII Jornada de Extensão

Maria Barbosa, 98 anos

# SALÃO DO CONHECIMENTO 2012

XX Seminário de Iniciação Científica    II Mostra de Iniciação Científica Júnior  
XVII Jornada de Pesquisa                    II Seminário de Inovação e Tecnologia  
XIII Jornada de Extensão



**Modalidade do trabalho:** Relato de experiência

**Evento:** XIII Jornada de Extensão



Para uma vida de CONQUISTAS



**Modalidade do trabalho:** Relato de experiência

**Evento:** XIII Jornada de Extensão

Maria Amália Ferreira, 82 anos

# SALÃO DO CONHECIMENTO 2012

XX Seminário de Iniciação Científica    II Mostra de Iniciação Científica Júnior  
XVII Jornada de Pesquisa                    II Seminário de Inovação e Tecnologia  
XIII Jornada de Extensão



**Modalidade do trabalho:** Relato de experiência

**Evento:** XIII Jornada de Extensão



**Modalidade do trabalho:** Relato de experiência

**Evento:** XIII Jornada de Extensão

Conceição Silva, 104 anos

# SALÃO DO CONHECIMENTO 2012

XX Seminário de Iniciação Científica II Mostra de Iniciação Científica Júnior  
XVII Jornada de Pesquisa II Seminário de Inovação e Tecnologia  
XIII Jornada de Extensão



**Modalidade do trabalho:** Relato de experiência

**Evento:** XIII Jornada de Extensão



Para uma vida de CONQUISTAS



**Modalidade do trabalho:** Relato de experiência

**Evento:** XIII Jornada de Extensão

Ramiro Ferreira, 83 anos